



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/movimento-som/>

Movimento-som: construção de sentido no existir evento

Maria Carolina Alves [1]

Daniela Franco Carvalho [2]

RESUMO: Em meio a provocações alinhadas com entendimentos da experiência, das vivências e do cotidiano sobre construção de sentido a partir da expressão, de um acontecimento do existir evento imperativamente criativo, balizamos termos de pesquisa com narrativas musicais. Com a curadoria para uma playlist em um aplicativo de streaming de música, produzimos textos de campo, que, em diálogo com conceitos bakhtinianos, articularam a produção de saber em rede no grande tempo a partir da vida como vivida coletivamente, em diversidade, alteridade e singularidade no arcabouço de uma pesquisa narrativa costurada entre letras e provocações sobre ciência e natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Mikhail Bakhtin. Valentin Volóchinov. Pesquisa Narrativa. Narrativas da vida.

Movement-sound: meaning-making at being-as-event

ABSTRACT: Amid provocations, and understanding day-by-day experiences of life narratives as meaning-makers through expression along an ongoing event, which is imperatively aesthetic (creative), we articulated this investigation with music by curating lyrics for an authorial streaming app playlist, here placed as field texts in the light of narrative inquiry terms, and, allied with Bakhtin's concepts of being-as-event at a collaborative knowledge chain over time occurring along live with diversity, alterity, and singularity provoked by science, and nature utterances.

KEYWORDS: Mikhail Bakhtin. Valentin Volóchinov. Narrative Inquiry. Life narratives.

Sem horas e sem dores
Respeitável público pagão
Bem-vindos ao Teatro Mágico
Parto-me
Parto-me
A poesia prevalece
A poesia prevalece



O primeiro senso é a fuga
Bom, na verdade é o medo
Daí então, a fuga
Evoca-se na sombra uma inquietude
Uma alteridade disfarçada
Inquilina de todos os nossos riscos
A juventude plena e sem planos se esvai
O parto ocorre
Parto-me. Parto-me. Parto-me. Parto-me
Aborto certas convicções
Abordo demônios e manias
Flagelo-me
Exponho cicatrizes
E acordo os meus, com muito mais cuidado
Muito mais atenção!
E a tensão que parecia nunca não passar
O ser vil que passou para servir
Pra discernir, harmonizar o tom
Movimento. Som
Toda terra que devo doar
Todo voto que devo parir
Não dever ao devir
Nunca deixar de ouvir
Com outros olhos!
Com outros olhos!
Com outros olhos!
Amadurecência (O Teatro Mágico)

Pirraça antropocênica [3]

Ao experienciar uma pesquisa sensível, nos deparamos com sons que tensionam enunciados em movimento, produções que foram criadas, enunciadas, em determinado tempo e lugar, e que ao mesmo tempo se fazem pulsantes em novos contextos. Palavras e entonações outras.

Na procura de trazer à cena e ao contexto de escrita atravessamentos pela música e sua presença criativa como textos de campo tomamos consciência a partir daquilo que emerge de uma vivência organizada no movimento entre quatro dimensões – de dentro pra fora, de fora pra dentro, no passado e no presente, aqui e ali – pelas quais se orienta a consciência do autor a partir do entendimento emotivo-volitivo da situação extraverbal, repleta de signos subentendidos já plenos em sentido.



Músicas reverberam comunicações dialógicas. Enunciados que movimentam a palavra do outro, em nós, a partir de uma produção sociológica outra, denunciando ideologias ao mesmo tempo que oferecem uma certa *sedução vegetal* [4], fermentam respostas. Nas dobras do som ambiente do experimentar da ubiquidade antropocênica, perpassamos nossas vivências por uma perspectiva que entrelaça a dureza do antropoceno, a delicadeza da criação, e as provocações da formação cultural. Esse ensaio pretende apresentar tensionamentos e disparadores de termos de pesquisa a partir de narrativas musicais, e seus agentes comunicacionais, em diálogo com conceitos bakhtinianos que, ao posicionarem a palavra do outro, a polifonia da playlist *pirraça antropocênica* impulsiona a construção de sentido em perspectivas costuradas com letras e conceitos que balizam a construção de um enunciado singular.

Considerando que a escolha da forma do enunciado está ligada à categoria valorativa do acontecimento entre os sujeitos da comunicação, e que o tom de um enunciado é determinado em especial sobre aquele com quem se fala, o ouvinte presumido (Volóchinov, 2019, p. 135), é importante destacar que tal enunciado se expressa na atualidade em diálogo com o grande tempo e se enriquecem de novos significados e sentidos ao vincular-se com o passado (Bakhtin, 2017, p. 14).

Isso ocorre, pois, a consolidação do sentido de uma obra se dá a partir de enunciados já estáveis no dialogismo social, acumulando entendimentos do mundo atual ao se movimentar no tempo entre o momento da autoria (presente), irradiações do passado e projeções no futuro: criação em um ato singular e um evento único, atuando em uma cultura aberta em constante remodelação da construção de sentido atualizado (Bakhtin, 2017, p. 16).

A música, como toda arte, determinou seu desenvolvimento a partir da intensidade das exigências do meio em relação à expressão criativa das suas vivências artísticas, mediante um tipo específico de pulsão, necessário para a transferência dessas vivências para fora de si, ao realizá-las nas formas do tempo e do espaço sonoro, justamente por meio daquilo que pode ser formulado como ‘imperativo estético’ (Volóchinov, 2019, p. 349).

Portanto, é fundamental explicitar a orientação dessa obra, imperativamente estética (criativa), escrita para educadores integrantes da contínua rede discursiva do sentido, para os sujeitos falantes e participantes da paisagem antropocênica e associados àquilo que emerge de uma produção de saber em rede.



Perpassamos trajetórias de criação associada às existências múltiplas, à uma comunicação com um mundo vivido, com um *xote ecológico* [5] de um *país tropical* [6] localizado em contextos permeados pelas sensibilidades oriundas da escuta, da polifonia com palavras outras, também singulares, avaliativas e criativas com relação ao seu contexto próprio (próximo e distante), o contexto, também, da produção criativa dessa obra acadêmica autêntica.

Neste percurso, o lugar do outro ocupa uma participação única no existir evento, que é aberto e impermanente e cuja continuidade configura, ao mesmo tempo, a alternância das vozes dos sujeitos (polifonia) e a tomada de consciência daquilo que emerge de novo. Em deriva com a teoria vivemos, interagimos, respondemos, criamos... É nas fronteiras do diálogo, nas tensões do existir evento, que ocorre a dobra do pensamento narrativo para o território do conhecimento:

Porém, tal existir evento não é algo pensado: tal existir **é**, ele se cumpre realmente e irremediavelmente através de mim e dos outros- e, certamente, também no ato de minha ação-conhecimento; ele é vivenciado, asseverado de modo emotivo-volitivo, e o conhecer não é senão um momento deste vivenciar-asseverar global. A singularidade única não pode ser pensada, mas somente vivida de modo participativo (Bakhtin, 2020, p. 58 – Grifo do autor)

Por isso consolidamos fronteiras de criação na centralidade da playlist no tempo e no movimento ativo de concordância com sua expressão, com corresponsabilidade acerca de uma *riqueza de verdade* [7], acerca dos efeitos colaterais de um *novo progresso* [8] midiaticizado por uma visão preferencial de mundo, que, com as *mãos manchadas de vermelho* [9] provoca descontínuos, oferece brechas para o *Homem Primata* [10].

Provocações essas nos orientam, nas tensões fronteiriças do pesquisar narrativo, no fazer do “entendimento da experiência” (Clandinin e Connelly, 2011, p. 26), no experienciar cotidiano à nossa própria maneira, por vezes exteriorizada, por vezes introspectiva, por vezes em revisita ao passado, por vezes em projeção para o futuro. Sempre em busca de um viver dialógico, em comunicação com aquilo que é dado, com a palavra do outro, com criações outras que nos perpassam. Com Serodio e Prado (2015, 2017) a manifestação da pesquisa narrativa, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, produz conhecimento na interface do inesperado, como teor colateral a partir de uma interpretação singular das interações dialógicas que favorece o percurso investigativo/interpretativo.



Nesse sentido, a dimensão da comunicação do círculo intelectual de Bakhtin em recorte com a ciência, cujas narrativas científicas e midiáticas se entrelaçam na investigação da experiência tridimensional de uma vida que é *uma coisa gostosa, cheia de histórias, uma coisa bonita, cheia de dobras, cheia de sonhos, cheia de força, cheia de tudo, cheia de dúvida, cheia de brilho, cheia de aspás* [11] ressoa interações que *não garantem mas sustentam diversificação* [4], na continuidade de germinar possíveis a partir da interação, da dispersão de enunciados, de avaliações, de criações.

É na *experiência que só se faz esse mês* [12] que se ressoa uma ciência coletiva. Um abacateiro que *ensinando a viver* oferece frutos maduros, a *certeza do fim* e o *sim a tudo que for incerto* [13] a partir de um recorte sociológico, a cidade, a paisagem, a força e a dureza de uma *vida real dessa filosofia* [14] que nos apresenta um universo onírico, de sonhos em corrosão com modos de vidas resistentes, inovadores, mais naturais, intuitivos...existências possíveis em suas feralidades adaptativas podem provocar pensamentos livres, sem tábuas-mandamentos de formatação, pensamentos esses que nos permita viver mais daquilo que se deseja preservar, mais de um saber empírico de sobrevivência em um antropoceno-tesoura, ao passo que se estabelece outros espaços que evocam uma historicidade ainda viva, fermenta a vivência com farinha e cachaça, e toma forma da navegação e deriva que demanda ouvir... olhar nos olhos [15].

Feito liquidificador axiológico com lâminas de outramentos, trajetórias coletivas compõem a situação extraverbal desse enunciado, pois, uma vez que “a comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta” (Volóchinov, 2017, p. 219), *exponho cicatrizes e acordo os meus com muito mais cuidado, muito mais atenção* [16] em resposta àqueles enunciados da “coletividade social” (Volóchinov, 2017, p. 219).

*Mútua
A vontade é mútua
A esperança bruta
Reciprocidade múltipla
Dos diferentes pontos de vista
Muita
A intensidade é muita
Que essa distância encurta
Permeabilidade ampla
À disposição da vida* [17]



O conceito de cronotopo para Bakhtin (1996, p. 147 – Tradução autoral) cujo “presente e ainda mais o passado são enriquecidos às custas do futuro. A força e persuasão da realidade, da vida real, pertence ao presente e ao passado apenas – ao ‘é’ e ao ‘era’” adensa, por fim, disparadores pertencentes ao contexto de uma criação promotora de conhecimento ao trazer materialização do tempo em determinado espaço, onde determinada ação, que ocorre histórico culturalmente, ressoa no tempo-espaço vivido dialogicamente durante o presente do autor (e do leitor) a partir de uma ação do passado, em uma produção do presente, que atuará no futuro próximo, cujos significados e entendimentos são de orientação emotivo-volitiva e orientação ética e responsável para com o agir ininterrupto, em constante reelaboração de uma *simples e suave coisa, suave coisa nenhuma que em mim amadurece* [18].

Na passagem da vivência para a expressão – e criação –, ganha força a orientação já presente no discurso interior, que ao se deparar com o produto ideológico sob uma orientação ética e responsável, participativa, toma o distanciamento necessário para expressão com domínio técnico e formal.

Convenhamos chamar todo o conjunto das vivências cotidianas – que refratam e refletem a existência social- e das expressões exteriores ligadas diretamente a elas de **ideologia do cotidiano**. A ideologia do cotidiano atribui sentido a cada um dos nossos atos, ações e estados “conscientes”. Do oceano inconstante e mutável da ideologia do cotidiano surgem gradativamente numerosas ilhas e continentes de sistemas ideológicos: de ciência, arte, filosofia, opiniões políticas (Volóvchinov, 2019, p. 260 – grifo do autor).

Logo, aquilo que se manifesta no campo artístico se dá na essência do acontecimento da vida, do cotidiano: uma comunicação artística entre criador e contemplador, uma interação social fixada de forma única e própria na materialidade e forma física de um acontecimento (Volóchinov, 2019, p. 116). O enunciado na vida é dotado de potencialidades criativas, ideologicamente criativas, germes que tomaram forma material e de conteúdo, cujo sentido e significado não podem ser reduzidos à sua composição verbal (Volóchinov, 2019, p. 129):

Antes de mais nada, ele [o enunciado] é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado, tanto os imediatos quanto os distantes, e em relação a uma situação determinada: isto é, a situação forma



o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro (Volóchinov, 2017, p. 206).

O discurso exterior não pode ser assimilado se em contradição com o discurso interno, a formulação de sentido está ligada ao irrepetível do enunciado e também com a concretude relacional entre sujeito e a promoção da cultura aberta (impermanente), que é, por sua vez, o meio qual o autor pensa e toma consciência de si (Volóchinov, 2019, p. 142). Nesse acontecimento o posicionamento avaliativo do autor, seu todo social e seu ouvinte presumido ocorre no decorrer da sua vida em constante reelaboração.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão reelaborados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do **grande tempo** (BAKHTIN, 2020, p. 79 – grifo do autor).

Com isso se pode atribuir sentido à um conteúdo do mundo da cultura ao longo do percurso de inteiração e novidade discursiva que ocorre nos limites da arquitetônica do mundo da vida: o movimento ativo de concordância e discordância, isto é, de avaliação e senso estético, configura a compreensão organizada a partir da expressão. Dessa forma, um conhecimento dentro da cadeia discursiva acontece na radicalização da criação dialógica no grande tempo. Está no reconhecimento da criação de um terreno frutífero ao provocar possíveis a partir de relações discursivas outras, criativas, lentes escalafobéticas na construção argumentativa da ciência que vão de encontro com a ação educadora libertária e responsável.

Agradecimentos

Reconhecemos de primária relevância o financiamento recebido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) através de bolsa de pesquisa no Ampla: amálgama em educação, ciência e arte (vinculado à Universidade Federal de Uberlândia) e pela Coordenação



de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através da bolsa de mestrado para viabilidade dessa pesquisa, recorte da dissertação “Comunicação, Educação e Mídias em narrativas da vida”, realizada pela primeira autora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **The dialogic imagination: four essays**. [s.l.]: University of Texas Press, 1996.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução: Paulo Bezerra. 1ª ed. São Paulo (SP): Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello; Tradução: Carlos Alberto Faraco. 3ª reimpressão. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Metodologia narrativa de pesquisa em Educação na perspectiva do gênero discursivo bakhtiniano. *Em: Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 91–127.

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Escrita-evento na radicalidade da pesquisa narrativa. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 33, n. 0, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 25/04/2023

Aceito em: 15/05/2023

[1]Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista FAPEMIG no AMPLIA - amálgama em educação, ciência e arte (UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU). Email: maria.alves.carolina@gmail.com

[2]Licenciada em Ciências Biológicas com Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Instituto de Biologia e no Programa de Pós-Graduação



em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO - Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU) e do AMPLIA - amálgama em educação, ciência e arte (UFU). Email: danielafranco@ufu.br

[3]Durante a investigação de quais vislumbres uma pesquisa sobre comunicação, educação e mídias pode trazer a partir de narrativas da vida no antropoceno (dissertação de mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia- financiamento de bolsa pela CAPES), a playlist pirraça antropocênica foi criada e disponibilizada na plataforma de streaming de música Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/7qECgS2TCTmNb40OAcgk0?si=507b9420cefa4327>

[4]Sedução Vegetal (Karine Faleiros e Marina Gavaldão). Presente na playlist na voz de Mateus Solto.

[5]Xote Ecológico (Luiz Gonzaga).

[6]País Tropical/ Spyro Gyro (Jorge Bem Jor).

[7]Riqueza de Verdade (Matheus Souto) com áudio de Ailton Krenak.

[8]Novo Progresso é o nome do município no Pará que foi a primeira de muitas cidades na região Amazônica a decretar o infame "Dia do Fogo". O resultado disso foi a fumaça que chegou até a região sul do Brasil, e colocou o país negativamente nas manchetes de todo o mundo. Música de Matheus Solto.

[9]Mãos Vermelhas (Kaê Guajajara).

[10]Homem Primata (Titãs).

[11]Trecho presente na música Cheia de Dobras (Julia Branco e Mariana Volker).

[12]Ciência Nordestina (Cabruêra).

[13]Abacateiro Real (Chico Chico).

[14]Fio de Pumo (Padê Onã) de Criolo.

[15]Parte desse parágrafo é composto por um áudio-texto (antes publicado) do portfólio do Museu Virtual do Disco de Vinil junto das imagens que dispararam sua escrita em conversa com o álbum Convoque seu buda do cantor e compositor Criolo. Disponível em: <https://museuvirtualdodiscodevinil.com.br/portfolio/convoque-seu-buda/>

[16]Amadurecência (O Teatro Mágico).

[17]Impermanência (Maria Ó).

[18]Amor (Secos & Molhados).